

Críticas ao conceito e as práticas da feminilidade

Daniela Alvares Beskow

Maio/2016

Disponível em: www.palavraemeia.com

Feminilidade é uma construção patriarcal que violenta as mulheres. É um conjunto de regras, recomendações, orientações de comportamento, construções de personalidade, estética, ações e condutas que se impõe às mulheres de formas violentas em várias sociedades propondo e produzindo mulheres submissas e frágeis. A feminilidade estabelece uma relação necessária com o que se considera ser mulher e representa um conjunto amplo e complexo de denominações, características, ações e contextos construídos socialmente ao longo da história patriarcal, porém, colocados como essenciais e biológicos.

A instituição da feminilidade estabelece que mulheres sejam: delicadas – não devem ser agressivas, ou firmes; sutis – não devem ser assertivas ou chamar muito a atenção a não ser em relação à própria aparência, caso esta esteja dentro dos padrões estabelecidos de aceitação, obviamente. Mulheres devem: falar baixo – falar muito alto pode remeter ao descontrole, à histeria e à loucura; comer pouco – comer muito pode transmitir a ideia de que são esfomeadas ou devoradoras fora de controle, e pode borrar a maquiagem que talvez elas estejam usando. Mulheres devem: apresentar movimentos corporais contidos e restringidos, principalmente no espaço público – não devem se expandir muito, pois o corpo que ocupa um lugar visível e extenso no espaço remete à pessoas destemidas e fortes e estas características devem pertencer aos homens. Mulheres não devem ocupar o espaço dos homens, pois, além de tudo, elas devem se proteger desses homens e também mostrar fragilidade, afinal mulheres tem que parecer femininas e não podem parecer muito agressivas e grandes, devem ser pequenas e delicadas. Mulheres estão autorizadas a chorar em público, pois isso demonstra sua fragilidade e as mostra sensíveis e delicadas. Mulheres não devem brigar ou agredir outras pessoas, devem ser maternais. A feminilidade atribui às mulheres características de acolhimento: mulheres devem cuidar de outras pessoas, não importa a idade que tenham. A feminilidade coloca que as mulheres devem se preocupar com a aparência e atribui às mulheres superficialidade, ou seja, falta de aprofundamento e de desenvolvimento de pensamento e raciocínio lógico. De acordo com a feminilidade a mulher desenvolveria o hábito de fazer fofoca, ou seja, de não falar diretamente as coisas que pensa de forma objetiva e encarar as situações, os problemas, as pessoas de frente, já que ela seria frágil, teria medo e deve parecer delicada, agradável e inofensiva. À mulher é ensinado não atacar e ter medo. Ela passa maquiagem, se depila, usa vestidos e enfeites corporais. De acordo com o conceito de feminilidade a mulher sabe cozinhar, pois ela sabe como prover as necessidades básicas aos outros. Ela sabe cuidar da casa e mantê-la em ordem e agradável para os outros. Ela saberia se relacionar com o público pois seria gentil e paciente. Ao mesmo tempo teria dificuldade em coordenar e liderar grupos de pessoas e em tomar decisões importantes que envolvam muitas pessoas, principalmente homens, já que estes não podem ser submetidos à

uma mulher. A mulher deve rir quando fala com as pessoas e não demonstrar ser perigosa, ela deve manter sua aparência de fragilidade, caso contrário é considerada agressiva, mal humorada e ameaçadora. Ela deve ser paciente, preocupar-se com os outros – a mulher deve ser boa ouvinte e ouvir principalmente as grandes ideias que os homens tem. A feminilidade institui que as mulheres tem que usar roupas que ressaltem as formas do seu corpo, ou seja, que sejam justas e em pouca quantidade, produzindo vestuário desconfortável e na maioria das vezes que a impossibilita de movimentar-se e respirar plenamente. A lista parece ser infinita.

Todas essas – e outras – características estabelecem uma relação natural e necessária com o fato de “ser mulher”. Coloca as mulheres em um padrão rígido de comportamento e além disso essencializa esse comportamento. Ou seja, estabelece que são características naturais das mulheres, logo, que não podem ser transformadas, mas, sobretudo, devem ser aprendidas. Contraditório, não? Caso uma mulher não se encaixe nessas regras se considera que ela está fugindo à sua própria natureza e deve aprender como retornar à ela.

A feminilidade produz comportamentos que induzem as mulheres à submissão aos homens e muitas vezes à rivalidade entre elas. Submete-as aos homens pois as coloca em um lugar de não decisão sobre o coletivo, ou seja, fora da política. A política é o espaço de tomada de decisão sobre a vida de todos e no patriarcado as mulheres não estão decidindo, elas estão obedecendo. No patriarcado as mulheres não devem elaborar decisões, elas devem obedecer as decisões elaboradas pelos homens. A feminilidade produz competição pois induz as mulheres a perderem seu precioso tempo para ficar competindo entre si no que diz respeito à quem é a mais bonita e atraente aos olhos do patriarcado. A feminilidade propõe que as mulheres não desenvolvam sua força física e muscular, pois isso não seria muito atraente aos olhos do patriarcado, além de obviamente parecer muito intimidador para os homens. A feminilidade induz e propõe às mulheres que não decidam sobre si e sobre os outros (coletivo) na esfera da política, propõe que apenas decidam sobre os outros em um restrito ambiente da esfera doméstica e principalmente em relação à crianças. Mulheres são levadas a pensar que são incapazes de tomar decisões importantes, são orientadas a ficarem caladas e a se valorizarem através de sua aparência e não de suas ações.

Feminilidade é um conjunto de comportamentos que violenta a mulher e propõe que ela seja violentada pelos homens. Pois, a partir do momento que não decide sobre o coletivo, ou seja, que não decide sobre si – já que as mulheres fazem parte do coletivo – ela está obedecendo ordens sem poder questioná-las. Sua liberdade e poder de decisão são assim minados. A não decisão sobre o rumo de sua vida é uma das grandes violências cometidas pelos homens contra as mulheres no patriarcado. Vale lembrar a definição de patriarcado: são as sociedades onde quem está nos locais e contextos de poder de decisão nos níveis político, econômico, religioso, familiar e social são os homens.

Caso uma mulher persista em se colocar, decidir, liderar, encarar os problemas de frente, opinar, duvidar e se posicionar frente a realidade, ou seja, se uma mulher se coloca de forma não feminina, se exige que ela ao menos pareça feminina. Ela deve ao menos ter uma estética que a associe com a feminilidade. Então que use vestidos, saltos, ou caso não aguentar a dor, que use sandalhinhas delicadas. Que pinte o rosto e se adorne com enfeites. Que retire os pelos do corpo, que tenha os cabelos brilhantes. Que tenha um cheiro que não seja o seu próprio, mas, sim de perfumes, desodorantes, flores – incrível como esse “natural” da feminilidade parece estar dando um trabalho

danado às mulheres! Enfim, caso uma mulher desista de se submeter aos tentáculos da feminilidade no seu comportamento exige-se ainda com mais violência que ao menos ela pareça feminina para que seja aceita pela sociedade. E, caso seu padrão estético não se encaixe em nada do esperado socialmente, que ela seja uma “feia” calada, para não parecer grosseira demais. Que ao menos pareça delicada e gentil e dessa forma aceitável perante aos olhos patriarcais.

Após essas breves reflexões não é difícil associar o padrão de feminilidade ao padrão estético e de comportamento encontrado em crianças. A feminilidade exige mulheres dóceis; que não tenham poder de decisão sobre si e sobre os outros; que sejam inofensivas; que falem baixo e cuja voz não tenha muita potência, volume; que não tenham pelos corporais e sim a pele lisa; que não tenham muito desenvolvido a força física. Pessoas dóceis, que não decidem ainda sobre si, que não conseguem atacar outras pessoas, que são relativamente fracas, que tem a voz fina e que não tem pelos. Essas são as crianças e não as mulheres! A feminilidade infantiliza as mulheres, produz mulheres que ficam eternamente presas à infância, ao não desenvolvimento completos de suas potencialidades. A feminilidade institui que mulheres não sejam adultas. Mulheres devem permanecer eternamente crianças, obedecendo aos adultos homens.

Uma das grandes tragédias da instituição da feminilidade é a erotização da infância. O patriarcado produz e incentiva mulheres cuja aparência e comportamento sejam parecidos aos das crianças. Nesse sentido, não apenas se incentiva o desejo sexual em relação à mulheres que se pareçam com crianças (não opinam, não se decidem, não tem pelos, rugas, etc, etc) – mas também se incentiva o desejo sexual em relação à adolescentes e meninas, vindas de homens adultos! Esse contexto leva à um dos mais tristes e revoltantes dados no Brasil atual: a grande maioria dos casos de estupro diz respeito à homens adultos que estupram meninas. Sim, a grande maioria das estupradas no Brasil são crianças do sexo feminino, violentadas por homens adultos. E em sua maioria esses homens são pessoas próximas: pais, irmãos, tios, vizinhos, amigos da família. Todo esse contexto nauseante afirma e reafirma: a mulher frágil é uma mulher desejável e estuprável, pois ela se parece com uma criança. A feminilidade é uma ode à pedofilia.

O mais irônico disso tudo é a atribuição de um valor positivo à feminilidade. Afinal as mulheres tem que sair ganhando com alguma coisa depois de toda essa lavagem cerebral. Ao menos que pensem que é algo bom para elas. E como as mulheres sentem positividade em tudo isso? O que mantém esse mecanismo funcionando? Recompensas de um lado e medo do outro. Um intenso medo em se posicionar, opinar, sair na rua sozinha, protestar contra algo que as incomoda versus recompensas dadas pelos seus algozes: a escolhida para ser par sexual ou para casar; ser protegida pelos homens e ter a sensação de segurança; ter sua autoestima afagada quando por ventura a mulher atinge todos os requisitos do modelo “feminina”.

O mais irônico ainda é que essas todas recompensas tem todas um duplo significado. O fato de ser escolhida como a mais atraente, significa que a mulher tem que passar por todo um processo de violência à si mesma, gasto de dinheiro e tempo para alcançar aquele padrão. Arrancar pelos do corpo das regiões mais sensíveis periodicamente; utilizar roupas que impedem a plena respiração tais como sutiãs apertados e com hastes de metal, calças extremamente justas, saltos que impedem a mulher de se locomover com facilidade e ainda trazem inúmeros transtornos à sua saúde física, danificando ossos, tendões e articulações. O tempo gasto com sessões em salões ou mesmo em casa, para manter a aparência da feminilidade é gigantesco, para não falar do dinheiro gasto em todos

esses processos. Todo um mercado capitalista vem sendo gerado aos longo dos séculos para manter a feminilidade funcionando. Com o tempo, as mulheres vão sendo convencidas de que precisam de maquiagens, cremes, perfumes, xampus e todos os utensílios necessários para a aplicação desses produtos para se sentirem mulheres e femininas. Importante ressaltar que grande parte desse mercado se dirige à mulheres brancas, de pele clara e de cabelos lisos, excluindo grande parte da população de mulheres do acesso à esses produtos. Nesse sentido o mercado da feminilidade é também racista.

À mulher foi tirado o direito de desenvolver sua própria força e a desconhecer a fragilidade que não seja a fragilidade feminina, incapaz e débil. A fragilidade feminina é impotente, é fraca e vem junto com todo o pacote. A fragilidade não feminina é aquela que reconhece que nem sempre somos fortes, nem sempre sabemos lidar com as situações, mas, que podemos transformar as situações através de nossa força e capacidades. Somos frágeis e também somos fortes. Não somos essência. Somos em decorrência do que as situações fazem de nós e do que fazemos com elas. Somos relação, matéria em movimento, em construção. Às vezes perdemos, às vezes ganhamos. Entender essa diversidade de situações e também a diversidade de características existentes em nós mesmas para lidar com a realidade é extremamente importante para não nos tornarmos reféns de padrões rígidos de comportamento e sobretudo a não nos violentar ou permitir que nos violentem com palavras doces.

Mulheres não são femininas, elas são feminilizadas.

Pela reinvenção das mulheres. Pela consciência de sua potência, de sua força.

Daniela Alvares Beskow

maio/2016

Como citar esse ensaio:

Beskow, Daniela Alvares. Críticas ao conceito e às praticas da feminilidade. **Palavra e Meia**, Maio 2016. Ensaios. Disponível em: <<http://www.palavraemeia.com/ensaios/criticas-ao-conceitos-e-as-praticas-da-feminilidade/>> Acesso em: [inserir data].